

O estágio como prática educativa no currículo integrado: percepções docentes e discentes

Internship as an educational practice in the integrated curriculum: perceptions of teachers and students

Cíntia Grazielle de Souza Raulino  <https://orcid.org/0000-0002-6448-6009>

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: cintia.raulino@ifms.edu.br

Odaír Diemer  <http://orcid.org/0000-0003-3527-2455>

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail: odair.diemer@ifms.edu.br

Resumo

No contexto da educação ofertada pelos Institutos Federais, o ensino médio na modalidade integrada tem a teoria e a prática como dimensões indissociáveis, o que deve estar refletido nas práticas adotadas para a efetivação de seu currículo. Tendo como objeto do estudo o estágio supervisionado, a pesquisa teve como objetivo compreender quais aspectos são necessários para que o estágio, enquanto etapa curricular, cumpra com sua função formativa no currículo integrado. Na coleta de dados, foram realizadas entrevistas com docentes e técnicos na área de mecânica e enviados formulários via e-mail para os discentes. A partir da análise de conteúdo temática, verificou-se como temas principais a relação teoria-prática, o fetiche da prática, as contribuições para a formação e as dificuldades na prática. Constatou-se que o estágio é uma prática educativa complexa, com múltiplas influências, que necessita do envolvimento de todos os seus atores para que cumpra com seu objetivo formativo no contexto de uma educação profissional integrada ao nível médio.

Palavras-chave: Integração Teoria-Prática. Estágio Supervisionado. Educação Profissional.

Abstract

In the context of education offered by the Federal Institutes, high school education in the integrated modality presents theory and practice as inseparable dimensions, which should be reflected in the practices adopted to implement the curriculum. The object of study of this research is the supervised internship, and it aimed to understand which aspects are necessary for the internship, as a curricular stage, to be able to fulfill its formative function in the integrated curriculum. In data collection, interviews were conducted with teachers and technicians in the field of mechanics and forms were sent via e-mail to students. Based on a thematic content analysis, main themes identified consisted in the theory-practice relationship, the fetish of practice, contributions to training and difficulties in practice. It was found that the internship is a complex educational practice, with multiple influences, which requires the involvement of all its actors so that it fulfills its formative objective in the context of a professional education integrated in the high school level.

Keywords: Theory-Practice Integration. Supervised internship. Professional education.

Introdução

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica foi instituída pela Lei nº 11.892, de 29 dezembro de 2008, propondo uma educação que integrasse a educação geral e a profissional, tendo o trabalho como princípio educativo. Essa lei indica que os Institutos Federais têm como objetivo, dentre outros, a oferta de educação profissional técnica de nível médio prioritariamente na forma de cursos integrados, garantindo o mínimo de 50% de suas vagas para essa modalidade (BRASIL, 2008b). Complementarmente, a Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012, que “Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio”, em seu artigo 5º, indica que os cursos devem proporcionar ao seu discente “conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais”. Em seu artigo 6º, apresenta o trabalho como um princípio educativo, devendo integrar-se com a ciência, a tecnologia e a cultura como base da proposta político-pedagógica e do desenvolvimento curricular (BRASIL, 2012).

Nesse sentido, Ramos (2008) explica que a formação omnilateral dos sujeitos envolve a integração das três dimensões da vida que estruturam a prática social. A primeira é o trabalho em seu sentido ontológico, de realização humana, e enquanto prática econômica. A ciência, por sua vez, engloba os conhecimentos produzidos ao longo da história humana e que é fundamental para o mundo produtivo. Por fim, a cultura constitui a dimensão que abrange os valores éticos e estéticos que direcionam os comportamentos e normas esperados em cada sociedade.

Ao adotar o trabalho como princípio educativo, Ciavatta (2005) explica que o ensino integrado visa à superação da dualidade entre teoria e prática, entre uma educação técnica, que exclui o entendimento científico de como essa sociedade produz a sua existência, e uma educação propedêutica, preparatória para o vestibular e desvinculada da prática. Por consequência, ressalta a importância de se utilizar de estratégias pedagógicas que permitam a articulação entre os diferentes conhecimentos, bem como entre a teoria e prática, sugerindo, entre outros, o uso de visitas técnicas e estágios nos ambientes de trabalho como estratégias válidas.

Kuenzer (2010) menciona o estágio como uma das possibilidades que o estudante tem para materializar conceitos ao vivenciar a realidade do trabalho, na medida em que o conhecimento científico fundamenta a prática no trabalho. Explica que a capacidade de diagnosticar problemas e solucioná-los é favorecida na relação que o estudante estabelece entre os conhecimentos científicos e tácitos vivenciados na prática laboral.

Pode-se afirmar que a relevância do ensino técnico integrado ao nível médio é representada pela criação de um Conselho de Classe específico para atender a categoria profissional de formação técnica, reflexo da exigência do mundo produtivo pela elevação da formação geral do trabalhador em um mundo cada vez mais tecnológico. A Lei nº 13.639, em março de 2018 instituiu o Conselho Federal dos Técnicos Industriais e Conselho Regional dos Técnicos Industriais (BRASIL, 2018), sendo uma conquista na valorização dos técnicos e reconhecimento dessa categoria profissional.

Na execução da proposta da oferta de ensino médio integrado ao curso técnico, muitos projetos de curso da Rede Federal incluem o estágio supervisionado como



componente curricular estratégico de integração entre teoria e prática. Como parte do currículo, o estágio deve ser tratado como uma etapa pedagógica, e não apenas como uma forma de garantir a entrada no mercado de trabalho. É necessário, portanto, que os estudantes sejam orientados para que possam refletir sobre a prática que desenvolverá, percebendo as contradições e sínteses existentes entre teoria e prática no mundo produtivo.

Tendo em vista as possibilidades pedagógicas oferecidas pelo estágio supervisionado enquanto estratégia pedagógica, este trabalho apresenta a percepção dos docentes de um curso técnico integrado em um campus da Rede Federal na Região Centro-Oeste quanto ao estágio supervisionado, estabelecendo um paralelo com a percepção dos discentes do mesmo curso. Nesse sentido, objetiva entender quais aspectos devem ser contemplados em um estágio curricular em um curso integrado, na percepção docente e discente, bem como o que é necessário para que sua prática seja coerente com a proposta do ensino médio integrado.

Fundamentação Teórica

Somente após a homologação do Decreto 5.154/2004, tornou-se possível a oferta de um ensino tecnológico aliado à compreensão dos fundamentos técnico-científicos da produção, atendendo também a demandas do próprio sistema produtivo (CIAVATTA, FRIGOTTO; RAMOS, 2005). Ciavatta (2005) aponta para a necessidade de se superarem as práticas nas quais a educação profissional é vista como treino para o mercado de trabalho, bem como a educação propedêutica como treino para o vestibular. Explica que uma formação integrada, omnilateral, é incondizente com a segmentação curricular entre a formação geral e a formação profissional. No mesmo sentido, Ramos (2008) defende que ter o trabalho como princípio educativo é o caminho necessário para que os estudantes possam estabelecer relações concretas entre o conhecimento científico visto em sala de aula e a sua realidade de vida, superando o que a autora chama de um “ensino enciclopédico”.

A oferta da educação técnica de nível médio integrado realizada pelos Institutos Federais tem um custo elevado, equivalente ao assumido pelos que podem pagar o ensino em escolas privadas. No entanto, como explica Kuenzer (2011), é algo necessário para que se consiga prover uma educação técnico-científica de bom nível, com professores qualificados e infraestrutura adequada para a execução de um currículo amplo que articule a formação geral e a profissional em uma concepção integrada, superando a dualidade entre teoria e prática. Nessa perspectiva, o estágio supervisionado aparece integrando o currículo, com caráter pedagógico e regulado por legislações específicas.

Zabalza (2015) aponta três aspectos essenciais para o alcance do sentido formativo do estágio: uma visão menos mecanicista e mais ampla da formação; a integração entre teoria e prática; e o enriquecimento do conteúdo por meio das experiências que o estudante vivenciará. Destaca que um dos problemas principais que ocorrem nos estágios é a sobreposição dos aspectos organizacionais sobre os curriculares. Tal situação pode ser percebida na falta de atenção aos conteúdos de aprendizagem envolvidos no estágio, avaliação superficial, supervisão e coordenação heterogêneas quanto à abordagem e pouco atuantes, além da falta de integração curricular do estágio com as demais disciplinas.



O estágio não deve ser entendido como o momento no qual o estudante deve aplicar o que aprendeu ao longo do curso: a relação teoria-prática deve acompanhar a aprendizagem do estudante durante toda a sua formação, dentro e fora da sala de aula. Visitas técnicas, estágios, laboratório: em todos os momentos o componente teórico deve estar inerente à atividade prática desenvolvida (ZABALZA, 2015). No entanto, como explica Santos (2009), para que essa aprendizagem aconteça há todo o processo relativo ao planejamento, organização e estabelecimento de condições favoráveis, sendo a instituição escolar a responsável pelo papel de mediadora desse processo.

No mesmo sentido, Ribeiro (2011) considera o estágio como um ato educativo que contribui proporcionando aos discentes as condições objetivas necessárias para a compreensão da unidade entre teoria e prática, no entanto, deve contar com supervisão e acompanhamento para que seja adequadamente executado. Complementarmente, Vieira (2010) identificou que o estágio traz possibilidades de ampliação dos conhecimentos, contribuindo também com o processo de amadurecimento dos estagiários em seus diversos aspectos.

Na próxima seção será apresentada a metodologia adotada para compreender a percepção de docentes e discentes quanto ao estágio em um Curso Técnico Integrado, a como ele atende a relação teoria-prática e quais as possibilidades de atuação que permitam ao estudante conhecer a proposta dessa etapa curricular.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, privilegiando o estudo das ações sociais, com a utilização de técnicas de coleta de dados que permitem uma aproximação da realidade social (MARTINS, 2004). O objeto do estudo foi o estágio supervisionado desenvolvido no Curso Técnico Integrado em Mecânica, ofertado no Campus Campo Grande do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. A percepção docente e discente foram elementos centrais para que se pudesse verificar como o estágio vem sendo conduzido e quais as dificuldades que impactam em sua implementação.

Para a compreensão da percepção docente quanto aos aspectos que devem ser contemplados no estágio, quando considerado em sua dimensão educativa, utilizou-se a entrevista semiestruturada com os profissionais da área de mecânica. Na construção do roteiro, utilizou-se as orientações de Manzini (2003) e Gil (2002). A escolha dos entrevistados atendeu a indicação de Fraser e Gondim (2004) quanto a entrevistar quem conhece a realidade que está sendo estudada, garantindo a representatividade dos significados nos discursos. Foram enviados e-mails explicando sobre a pesquisa e convidando para a entrevista todos os professores e técnicos em mecânica que atuaram como orientadores ou supervisores no estágio obrigatório. Foram entrevistados três profissionais da área de mecânica por meio do aplicativo WhatsApp em função do isolamento social decorrente da pandemia COVID-19.

Para entender as percepções dos estudantes ingressantes ao estágio e dos que já o concluíram, foi utilizado um questionário via formulário do Google. Em função da pandemia, não havia estudantes realizando o estágio no momento da coleta de dados: os respondentes que se classificaram como realizando o estágio estavam com o estágio paralisado em função da suspensão das atividades presenciais. O questionário, que não contava com identificação do respondente, foi encaminhado aos



e-mails dos estudantes com 18 anos ou mais, que cursavam o 5º, 6º ou 7º semestre, período no qual está prevista a possibilidade de estágio supervisionado. A construção do questionário atendeu as recomendações de Gil (2008), Vasconcelos e Guedes (2007) e González Rey (2017), contendo questões fechadas, que caracterizavam o sujeito da pesquisa quanto a aspectos objetivos de sua experiência em relação ao estágio, e perguntas abertas, que permitiam a ele expressar sua construção subjetiva em torno dessa prática.

Para a análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo na modalidade temática, conforme a sequência sugerida por Gomes (2009). Os temas principais foram a relação teoria-prática, o fetiche da prática, as contribuições para a formação e as dificuldades na prática. Finalizou-se com a síntese interpretativa que compôs a seção que traz a discussão dos dados.

Visando a manutenção do sigilo, os trechos citados na próxima sessão receberam uma identificação fictícia. Os entrevistados foram identificados como Pessoa A, Pessoa C e Pessoa V. Quanto aos questionários, os respondentes que já haviam concluído o estágio foram identificados com a letra J seguida pelos números de 1 a 8. Os estudantes que se identificaram como fazendo o estágio foram identificados pela letra F, seguida pelos números de 1 a 3 e, finalmente, os que não haviam iniciado, pela letra N seguida pelos números de 1 a 16.

Visando garantir os aspectos éticos envolvidos na pesquisa com seres humanos, o projeto do qual esse trabalho resultou foi submetido à Plataforma Brasil para avaliação, sendo aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco (CAEE 29152619.70000.5162).

Resultados e Discussão

Os docentes indicaram que o estágio é uma forma do estudante vivenciar a realidade do mundo do trabalho, principalmente quanto ao ambiente de trabalho: as relações que se estabelecem, a hierarquia, a forma de organização dos processos, e mesmo o maquinário – que pode ser antigo, quebrado ou desatualizado. Há uma ênfase na possibilidade de o estudante vivenciar mais do que a aplicação do que aprendeu no curso em um ambiente de trabalho:

Ele irá aprender, não apenas novas técnicas e aplicações práticas da teoria, mas também a lidar com as relações pessoais, o que é fundamental no ambiente de trabalho. (Pessoa A)

Então acho que seria isso, o estágio seria uma ferramenta pedagógica para trazer, não apenas aquela prática do fazer em si, mas talvez a prática da interação social, do trabalho em equipe, do seguir uma hierarquia, porque a gente tem encarregado, supervisores, chefes. Para ele se inteirar da realidade do mundo do trabalho, trazer o mundo do trabalho um pouquinho mais próximo deles. (Pessoa V)

Seria fazer o contato do estudante do instituto com o mercado de trabalho. É o estudante entender o que ele vai fazer na profissão como técnico de mecânica, né? (Pessoa C)

Entre os estudantes que já haviam concluído o estágio, também foi possível verificar tais aspectos como contribuição na aprendizagem:

Noções sobre o funcionamento da empresa. (J5)



Me proporcionou a ideia de como se comportar em uma empresa. (J7)

Convívio em um ambiente de trabalho. (J8)

Tal percepção vai ao encontro do que Zabalza (2015) aponta como frentes do sentido formativo do estágio: o desenvolvimento pessoal, o desenvolvimento de conhecimentos e competências concretas e o melhor conhecimento do mundo do emprego. Tais sentidos perpassam por todas as respostas da entrevista, revelando o caráter complexo do estágio e a necessidade do comprometimento de diferentes atores para o alcance de todo o seu potencial. Ribeiro (2011) reforça tais colocações ao afirmar que o acompanhamento e envolvimento de professores, coordenadores e gestores é fundamental para que os aspectos relacionados à integração em um curso técnico integrado também se efetivem no campo de estágio. A autora explica que o papel da escola, nessa proposta educativa, precisa tanto dar conta de preparar os estudantes para a continuidade dos estudos, como para o ingresso no mundo do trabalho, o que condiz com os diferentes sentidos formativos apontados por Zabalza (2015).

Constatou-se a multiplicidade de fatores envolvidos quanto ao que é considerado fundamental para o atendimento do objetivo do estágio. Algumas respostas dos entrevistados apontam para o estudante como elemento principal desse resultado:

Entender que não é uma mera obrigação para sua certificação, mas a oportunidade dele aprender tecnicamente e compreender as relações pessoais num ambiente de trabalho. (Pessoa A)

Bom, para que esse objetivo seja atendido é fundamental que o estudante tenha a noção do que ele vai fazer dentro da empresa, ou seja, ele tem que ter um senso crítico próprio de curiosidade, de entender os processos, de ser curioso, de procurar compreender o que é feito, é... tentar, a medida do possível, fazer pequenas coisas para entender como o fluxo acontece, né. (Pessoa C).

Outras respostas demonstram a importância do supervisor e do local que recebe o estagiário para que o estágio cumpra com seu objetivo, coadunando com Vieira (2010) quanto a relevância da orientação e supervisão para a garantia de que a finalidade formativa do estágio se concretize:

É também fundamental que o empresário entenda isso e forneça todas as possibilidades para esse estudante. Ter o bom senso de emergir ele dentro das atividades dentro da empresa para que o técnico, o aluno, compreenda quais são as necessidades da empresa, o que aquela empresa faz e como ela desenvolve as atividades. (Pessoa C).

Por um outro lado, se a gente tiver uma presença mais marcante do supervisor, quando eu digo supervisor, eu digo tanto do supervisor da empresa quanto o professor orientador do IF, se eles estiverem dialogando, tiverem, por exemplo, o professor do IF for uma vez por semana, uma vez por mês, lá no local de estágio, trocar uma ideia com o supervisor para saber como é que está acontecendo o estágio, a gente pode tentar intervir de uma maneira um pouco mais assertiva, tirar aquelas dúvidas do menino, orientar ele um pouco melhor. Mas isso, na prática, não acontece. (Pessoa V).

Vieira (2010) explica que a integração entre a instituição de ensino e o local de estágio é importante para evitar que o foco permaneça apenas na prática, descartando a reflexão e o pensamento a respeito das atividades desenvolvidas. Aponta ainda que a instituição de ensino deve assumir o papel de esclarecer aos estudantes e aos



supervisores o objetivo do estágio, definindo metas e avaliando os resultados alcançados.

Ainda no mesmo sentido, na explicação sobre como ocorre a supervisão dos estágios, constata-se a baixa interação entre quem recebe o estudante e a instituição de ensino:

Então, assim, a gente tem a realidade, que é o menino vai, o supervisor de estágio, que está na empresa, e o professor orientador se conversam uma vez, duas vezes, ao longo do estágio. O professor vai visitar a empresa para ver se tem condições e o menino fica lá sozinho, quando eu digo sozinho é sobre a supervisão da empresa e tirando algumas dúvidas, isso quando o estagiário também busca o professor orientador do IF para tentar resolver seus problemas. Mas não é comum fazer isso. Porque hoje, o que acontece comigo, eu vou lá na empresa, eu combino com o supervisor quais são as atividades, eu tento entender o que ele vai desenvolver ao longo do estágio, falo das dificuldades, das possibilidades, do que o nosso estudante faz e do que nosso estudante não faz e, uma vez, eu dou uma ligada. Eu ligo, não vou lá mais, para saber como está. Converso com os estudantes no IF, mas de forma bem indireta, não tenho um horário formal para fazer isso. Salvo quando eles perguntam alguma coisa específica, para tirar uma dúvida do estágio, para eu ajudar eles em alguma coisa. Mas é mais ou menos assim. (Pessoa V).

Tal situação remete à crítica que Zabalza (2015) realiza quando afirma que organizar um estágio vai além de enviar os estudantes aos locais de estágio para que permaneçam o tempo necessário e façam o que for permitido pelo supervisor. No entanto, percebe-se que tal incoerência é entendida como inadequada pelo entrevistado, mas que aspectos práticos influenciam a efetivação desse trabalho, como pode-se perceber na fala a seguir:

Então, só para resumir, a gente precisa que tenha um momento de conversa com a empresa, ou seja, alguns membros da empresa façam parte do colegiado do curso, por exemplo, para que eles possam ajudar, dar a visão do mundo real ali dentro. A gente precisa realmente de uma reunião pedagógica dos professores, algo que não acontece hoje. Não só para falar sobre estágio, mas sobre tudo, mas o estágio nesse caso é o ponto focal. E se eventualmente tiver a formação desses grupos de discussão, pode ser grupo mesmo, igual eu falei, uma vez por semana, uma vez a cada 15 dias, vamos nos encontrar por 1 hora com todos os estagiários, com dois ou três professores, ou com um professor, ou o professor orientador para discutir o estágio. Acho que isso ajuda bastante. Mas aí implica em carga horária, alterações nos mecanismos institucionais. (Pessoa V).

Vieira (2010) orienta acerca da importância do suporte do professor orientador quanto à reflexão sobre as relações de trabalho e as atividades desenvolvidas, bem como na elaboração do relatório. No mesmo sentido, Santos (2009) apontou que a falta de um espaço para discussão sobre o estágio é prejudicial, indicando a relevância deste ser tratado como uma disciplina, contando com um tempo e profissionais dedicados à reflexão e orientação sobre a prática. Desta maneira, a proposta de reorganização na forma como o processo de supervisão é conduzida, adotando-se a prática de supervisão periódica em grupos, beneficiaria não só os estudantes, como também os docentes e empresas, conforme indicado na resposta a seguir:

[...] não que seja um atendimento pontual, mas que seja algo que aconteça de forma coletiva, para que eles possam falar sobre o trabalho, sobre as dificuldades, trocar experiências. Se tiver esse momento, eu acho que o estágio fica muito, fica mais, não bem acabado, mas ele fica trazendo um proveito melhor, tanto para o estudante quanto para o próprio professor que



vai saber onde é que, nas suas práticas, ele tem que mudar para atender o que naquela empresa está acontecendo e a própria empresa fica mais bem servida, porque eventualmente dúvidas que o menino não deixa aparecer na empresa, ou algo do gênero, às vezes ele é meio tímido, a personalidade dele não faz com que ele seja tão despachado, pode ser resolvidas nesses grupos. (Pessoa V).

Ainda na análise do que é necessário para que o estágio atinja seu objetivo, verifica-se a dificuldade relativa às oportunidades de estágio – algo que também foi abordado pelos estudantes em suas respostas. Um dos entrevistados indicou um dos motivos para a questão da baixa oferta de vagas:

A nossa formação, aqui no IF, ela não dialoga com a indústria instalada no estado. Então, o meu estudante que sai hoje do IF, ele tem muita dificuldade em se encontrar dentro do estágio por vários motivos. Primeiro porque não tem indústria no nosso estado. É muito difícil ele se colocar aqui, achar um estágio dentro das áreas que a gente tem disponível aqui. (Pessoa V).

Considerando o estágio, é relevante o fato de que a Lei nº 11.788/2008 estabelece o quantitativo de estagiários que a empresa poderá contratar em função da quantidade de funcionários que possui (BRASIL, 2008a, Art. 17º), o que limita o número de estagiários contratados pelo concedente na seguinte proporção: até 5 funcionários podem ter 1 estagiário; entre 6 e 10 funcionários, até 2 estagiários; entre 11 e 25 funcionários, até 5 estagiários; e quando há mais de 25 funcionários, pode-se contratar como estagiário até 20% desse número. Além disso, acresce-se a necessidade de ter um profissional, com formação ou experiência profissional na área, para orientar e supervisionar até 10 estagiários simultaneamente (BRASIL, 2008a, Art. 9, inciso III).

Santos (2009) aponta que a legislação exige que o profissional que fará a supervisão deva ter formação ou experiência profissional na área de conhecimento do curso do estagiário, o que abre a possibilidade de tal experiência não incluir a formação. Além disso, enfatiza que a formação pode não ser suficiente, caso não seja em uma área relacionada à formação do estudante, por não permitir colaborar com orientações e dúvidas técnicas.

Estudos já realizados constatarem que não há oportunidade para todos os estudantes realizarem o estágio curricular obrigatório durante o curso, impactando no tempo de conclusão (RIBEIRO, 2011; VIEIRA, 2010). Tal preocupação apareceu nas respostas dos estudantes que ainda não haviam iniciado o estágio, de tal forma que permitiu a constatação de que o que mais esperam em relação ao estágio é o surgimento de vagas. Na questão sobre as dúvidas que possuíam em relação ao estágio, destaca-se o incômodo com a escassez de oportunidades de estágio.

Quando vão abrir novas vagas. (N2).

Por que demora tanto para colocar apenas algumas pessoas no estágio? (N3).

Quando eu vou poder levar os documentos para iniciar meu estágio? (N4).

Por que nunca tem vaga e quando aparece uma, demora uma eternidade para ser chamado para começar? (N5).

Alguns estudos apontam possibilidades de ação para essa situação. Alencar (2015) propôs, como resultado de sua pesquisa, a criação de um Selo de Responsabilidade Social como uma forma de incentivar as empresas que já oferecem estágio e atrair



outras que possam tornar-se concedentes. Tal ação seria uma forma de reconhecer a contribuição das empresas para a educação e utilizar a Responsabilidade Social como um agregador de valor à concedente. Santos (2009) relata que o coordenador de estágio da instituição em que realizou a pesquisa realiza viagens aos municípios de Rondônia mantendo contato com empresas que possam se tornar concedentes de vagas ou parceiras, indicando que não há uma dificuldade em captar vagas, apesar das opções de escolha serem restritas quanto aos campos de estágio.

Outra opção que poderia ser explorada é a busca ativa por profissionais liberais de nível superior registrados no conselho profissional como concedentes de estágio, algo que a legislação atual permite (BRASIL, 2008a). Além disso, o contato com o Conselho Regional dos Técnicos Industriais pode ser uma estratégia importante, podendo resultar em vagas de estágio no Conselho ou em parceria para a captação de vagas junto aos profissionais inscritos.

Silva (2019) explica que o estágio pode contribuir com o momento em que o estudante inicia a construção de sua identidade profissional. As vivências que o estudante passa durante o estágio auxiliam na visualização de suas capacidades e na percepção de como outras pessoas avaliam suas competências e sua possível atividade profissional. Sendo assim, a imersão profissional proporcionada pelo estágio coopera para o processo de autoconhecimento e ressignificação de sua identidade no contexto profissional. Pode-se observar tal aspecto nas respostas:

A experiência daqueles que estão inseridos no ambiente de trabalho, no mercado, é fundamental para ele. Aproveitar o conhecimento dessas pessoas, trocar informações e relacionar-se com elas, é de suma importância para formação de um profissional. As exigências hoje vão além do conhecimento e da técnica, mas alcança também a questão da habilidade em formar uma network coesa. Ou seja, ele precisa entender que essa é uma oportunidade de ele relacionar-se com pessoas experientes que podem ser importantes para a sua formação. (Pessoa A)

[...] Ele tem que sair da zona de conforto dele também. Porque no IF ele começa a interagir com os professores, ele começa a ter uma certa intimidade, se tornam amigos, vamos falar de uma forma bem geral. Eu viro amigo da gurizada. E fica muito cômodo para ele perguntar, fica muito cômodo para ele errar. Ele não sofre nenhum tipo de, vamos falar assim, punição. A não ser uma nota baixa, ou alguma coisa do gênero. Mas, quando ele sai do IF, ele sai da zona de conforto dele, ele sai do mundinho conhecido e ele tem que começar a entender que ele tem que se portar de outra maneira. Ele tem que construir a personalidade dele utilizando essas barreiras, essas dificuldades que vão aparecer, superando elas de alguma forma. (Pessoa V)

Santos (2009) encontrou resultados que confirmam a percepção dos docentes, uma vez que os estudantes de seu estudo indicam que o estágio possibilita

[...] adquirir e ampliar conhecimentos; ter um panorama sobre o mercado de trabalho, tomando ciência das responsabilidades e competências exigidas; ver, ser visto e mostrar seu potencial; estabelecer relações interpessoais, conhecendo novas pessoas e aprendendo a lidar com elas; autoavaliar-se, avaliar os seus conhecimentos e aptidões; confirmar ou não a escolha da profissão; perceber-se sujeito em processo de amadurecimento pessoal, profissional e intelectual. (SANTOS, 2009, p.163).

Dentre todas as oportunidades formativas proporcionadas pelo estágio já discutidas, entre os estudantes que já haviam concluído o estágio verificou-se uma percepção do estágio que enfatiza a prática:



Existem situações que só são possíveis durante a prática, e durante o estágio podemos vivenciar essas situações o que nos deu uma boa experiência. (J1)

Apreendi mais na prática tópicos vistos brevemente nas aulas. (J2)

Relacionei as matérias estudadas na prática. (J3)

Contribuiu muito para a compreensão e aprendizagem da parte prática do curso. (J4)

O foco na prática também apareceu nas respostas dos estudantes que ainda não começaram seu estágio. Apontam que esperam adquirir experiência, ter oportunidade de praticar o conhecimento construído, bem como a aprendizagem na área. Desta forma, apenas uma das múltiplas formas que o estágio contribui com a formação do estudante aparece nessas respostas. Zabalza (2015) explica que o estágio efetivamente auxilia os estudantes a identificar suas lacunas formativas, reconhecendo pontos fortes e fracos, podendo constituir-se em um exercício interessante para a sua autoavaliação. Confirmando tal explicação, constatou-se que os estudantes que ainda não iniciaram o estágio esperam que o estágio possibilite verificar o quanto aprendeu, como fica explícito nas respostas abaixo:

Aplicar o que já aprendi e aprender muito mais. (N1).

Poder ter mais ideia de como é trabalhar no que eu quero e ver se é realmente o que eu quero e também ver o quanto eu aprendi. (N3).

Que possa me preparar para o mercado de trabalho e aplicar os meus conhecimentos teóricos...a fim de testar se eu realmente aprendi alguma coisa. (N10).

Espero colocar em prática uma parte do conhecimento adquirido ao longo do curso técnico. (N11).

Aprender na prática tudo o que foi ensinado até hoje no curso. (N14).

Aprender mais da parte prática do curso, e desenvolver minhas habilidades. (N16).

Destaca-se a relevância de tal percepção equivocada a respeito da função do estágio. Souza (2018), ao explicar sobre o fetiche da prática, aponta que a supervalorização da prática contradiz a proposta do ensino integrado, uma vez que favorece a ideia de que apenas o que pode ser aplicado no mundo do trabalho deve ser reconhecido, como se a prática fosse o fundamento final de todo o conhecimento e o sentido da atividade realizada no estágio. Fica evidente, assim, a necessidade de esclarecer aos estagiários o caráter de formação complementar do estágio, cabendo à instituição de ensino garantir seu papel formativo e de indissociabilidade entre teoria-prática.

Pode-se atribuir tal percepção que enfatiza a prática por ser estudantes que ainda não vivenciaram o estágio, nem foram necessariamente orientados a respeito desse componente curricular. Tal hipótese se mostra válida uma vez que, os servidores entrevistados apontaram a importância de o estudante relacionar o que aprendeu no instituto com o que aprendeu na empresa (relação teoria-prática) e a buscar respostas para os problemas que se apresentam:

Eu acho que está relacionado ao próprio comportamento do estudante, né? A curiosidade que ele tem... compreender os processos... associar o que ele aprendeu no instituto com o que ele aprendeu na empresa... trazer, fornecer, na medida do possível, coisas novas para a empresa, conhecimentos que ele adquiriu no instituto. E... mas principalmente ele estar aberto a conversas...

cabeça aberta para conseguir entender os processos e se dedicar. (Pessoa C)

Então, eu acho que ele precisaria disso, ele precisaria romper isso, sair dessa zona de conforto dele para começar de fato a buscar soluções, não esperar que as soluções caiam no colo dele, como acontece, ele está acostumado, ele foi treinado para fazer, né? A gente vai lá dar uma aula, eu apresento o conteúdo, acontece algumas dúvidas, acontece uma troca, mas esse conteúdo chega para ele previamente formatado. No mundo do trabalho não. Ele pode até ter uma certa rotina, mas cada ação dele vai refletir num resultado diferente, uma ação gera uma reação que ele tem que aprender a lidar com isso de alguma forma e o estágio ajuda justamente nesse amadurecimento. (Pessoa V).

Silva (2019) explica que uma educação que se propõe a formar um sujeito emancipado deve possibilitar o exercício de sua criatividade, não apenas da reprodução ou imitação da atividade de outros trabalhadores. No entanto, as respostas encontradas indicam uma associação entre algumas dificuldades que ocorrem no processo de estágio com a imaturidade que é atribuída, de forma geral, aos adolescentes:

Mas uma outra coisa que a gente não pode deixar passar também, é que os estudantes são estudantes. Eles deixam para a última hora. Eles não correm atrás da informação também. Eles esperam cair no colo deles. Então se a gente não tem uma instituição capaz de fornecer de uma forma clara a informação. No outro lado a gente tem os estudantes, que pela própria natureza e num certo grau de imaturidade deles não conseguem interagir de forma tranquila com essa informação, a gente precisa encontrar uma ferramenta melhor. (Pessoa V)

Então eu sempre tenho essa conversa e deixo isso claro para os empresários para que eles entendam isso, né? A palavra que eu estava procurando era imaturi... ele é imaturo... porque muitas vezes o estudante por bobeira se perde no estágio, escuta alguma coisa que não gosta, acha ruim, reclama, né? Às vezes a pessoa que está trabalhando na empresa está com um monte de preocupação e além disso tem que atender o estagiário. Então, assim, esse canal de comunicação tem que ser bastante claro e tem que ser bastante aberto para o cara falar, entender que olha agora eu estou meio ocupado, não consigo te atender direito, certo? Vai fazer... vai procurar o fulano ali que ele vai te ajudar em outras coisas, né? (Pessoa C).

Na unidade pesquisada, cabe ao estagiário solicitar ao supervisor de estágio que preencha as atividades que realizará no Termo de Compromisso e apresentar para que o seu orientador avalie e assine. Ele também deverá coletar a assinatura de seu responsável, da Coordenação responsável pelo estágio, de uma testemunha do IF, do supervisor de estágio, do representante legal da unidade concedente e de uma testemunha da unidade concedente. Além disso, no Regulamento de Estágio, também aponta como competência de o estudante buscar oportunidades de estágio, o que justifica a orientação do entrevistado a seguir:

Então, se eu fosse deixar um recado para os estudantes que vão tentar começar o estágio, talvez o maior conselho que eu diria é: entrou no IF comece a se inteirar sobre o estágio, como é que ele é feito, quais são os documentos, quais são os procedimentos que eu tenho que executar para cumprir o estágio, tire todas as suas dúvidas antes de começar o estágio. E, se possível, começar o quanto antes. O estágio pode ser iniciado a partir do quinto semestre. E que não espere que o IF providencie uma vaga para ele. Que ele vá atrás. Ele tem toda a autonomia do mundo de pegar o telefone e ligar para as empresas, ligar para os empresários, e correr atrás, demonstrar



desde cedo a importância que a autonomia tem para a formação deles.
(Pessoa V)

A expectativa de que o estudante atenda aos procedimentos burocráticos e busque oportunidades de estágio contrasta com os relatos que remetem à imaturidade e ao fato dos estudantes adotarem um comportamento mais passivo, esperando pelas oportunidades, como ilustrado em respostas anteriores. Tal contraste resulta das contradições inerentes à forma como a concepção de adolescência e juventude se estruturam na sociedade brasileira. Como explicam Ozella e Aguiar (2008), a adolescência deve ser entendida como uma construção histórica, tendo um significado cultural e na linguagem utilizada nas relações sociais. A definição de adolescência é a interpretação da realidade vivenciada, ou seja, são significações atribuídas que são tomadas como referência para a construção da identidade dos sujeitos inseridos nessas relações, convertendo, assim, o social em individual. Desta forma, os fatores biológicos ou fisiológicos não têm expressão subjetiva, sendo que as concepções que apontam a adolescência como algo natural, desconsideram as contradições sociais que atuam na mediação desse fenômeno.

Desta maneira, apesar dos estereótipos disseminados na sociedade, a juventude – em que a adolescência se inclui - não pode ser condensada em um único rol de características, expectativas ou mesmo cultura. Tanto quanto os fatores que a influenciam, as juventudes são diversas e refletem a realidade trazida pela globalização: culturas, linguagens, músicas, arte e muitos outros fatores se aproximam por meio das tecnologias de informação e comunicação. Ao mesmo tempo em que se coloca nas mãos dos jovens a construção de um futuro (imagem fortalecida pela mídia, principalmente), apontam para eles como alguém que ainda será, que não sabem o que querem e que não se preocupam com o amanhã (DAYRELL, 2003; ALVES; DAYRELL, 2015).

Pode-se entender que o contraste entre a expectativa de um comportamento que demonstra autonomia, independência e iniciativa e os relatos que apontam para comportamentos imaturos demonstrem a realidade da juventude: pessoas diferentes, com vivências, expectativas e comportamentos diversos, que reforçam os estereótipos com suas atitudes, ou que são consideradas exceções da regra, ao adotarem comportamentos considerados maduros.

Martins e Carrano (2011) explicam que o processo de construção das identidades na atualidade utiliza-se, entre outros fatores, do princípio da diferença: a pessoa escolhe por quais diferenciais gostaria de ser reconhecido socialmente. O fato dos valores e conhecimentos não serem herdados por imposição da tradição faz com que as instituições, entre elas a escola, devam assumir a tarefa de contribuir para escolhas conscientes por parte dos jovens, seja de sua trajetória pessoal, seja dos valores que assumirá como seus. No estágio, essa função passa a ser compartilhada com outra instituição, fazendo com que conflitos entre valores e comportamentos possam se manifestar. A aproximação com as concedentes foi uma estratégia apontada em diferentes momentos pelos entrevistados, como pode ser ilustrado a seguir:

Porque, às vezes, já houve casos em que surge um clima ruim dentro da empresa. O estudante responde mal e aí depois a coisa desanda... o próprio empresário, a pessoa que está atendendo o estagiário é... acha ruim... cria aquele clima... Às vezes o aluno desiste do estágio... Às vezes a empresa desiste do estagiário... às vezes a empresa desiste do instituto federal. Então é importante que a gente fique muito atento ao andamento dos estágios e

tenha uma conversa muito aberta sempre com a pessoa que é responsável pelo estagiário dentro da empresa. (Pessoa C).

Ribeiro (2011) esclarece que os estagiários são cobrados por competências e habilidades requisitadas para trabalhadores, demonstrando como as determinações do sistema produtivo já se apresentam desde a formação dos jovens. Ao mesmo tempo em que se propõe uma formação emancipatória e crítica, o estágio ocorre no mundo produtivo, onde se espera que a formação adapte o sujeito ao que o empregador precisa, formando profissionais flexíveis, criativos e ativos. Tal aspecto pode ser observado nas respostas a seguir quanto ao que o estudante deve saber antes de iniciar o estágio:

Deve entender que ele precisa ser responsável, ou seja, profissional. Além disso, é importante que ele entenda que suas ações podem inclusive prejudicar futuros estagiários, ou seja, pode fechar portas. Por outro lado, ele pode também abrir mais portas dependendo de seu desempenho como estagiário. Responsabilidade é a palavra-chave, bem como comprometimento. (Pessoa A).

O que ele deve saber... o que eu geralmente faço... após a visita à empresa, é fazer uma reunião com o estagiário e passar todas as orientações para o estagiário. Então, o senso de responsabilidade, horário de chegada, horário de saída, saber se comportar, ter um comportamento educado, conseguir se comunicar bem com as pessoas que estão dentro da empresa, tomar cuidado com algumas atitudes... [...] E ter curiosidade de saber todos os processos, de conhecer, de não ter vergonha de perguntar, de trocar informações com as pessoas que estão ali no turno dele... então é mais ou menos essas são as orientações. (Pessoa C).

O relato que envolve a reunião com o estagiário se aproxima do que Zabalza (2015) chama de fase de preparação. É um momento fundamental, no qual os estudantes recebem informações sobre o local onde farão o estágio, o que é esperado dele nas atividades que desenvolverá e, se possível, indicar quais conhecimentos serão relevantes para suas atividades. Este seria outro aspecto importante a ser padronizado dentro do desenvolvimento do estágio da instituição. Isso se torna especialmente importante quando se considera que, apesar de existirem estudantes que afirmam não terem dúvidas sobre o estágio, questões sobre o tempo de duração e execução do estágio apareceram, demonstrando haver estudantes que não estão informados sobre o processo de estágio e reforçando a importância da fase de preparação:

Quanto tempo é o estágio obrigado? (N6).

Se vou conseguir me formar... (N7).

Como vai ser feito. (N8).

De como proceder, como fazer e executar. (N9).

Como talvez funciona (N14).

A proposta do ensino médio integrado efetivada pelos Institutos Federais se insere no contexto contraditório inerente ao modo capitalista de produção, de forma que o acesso aos conteúdos necessários para o entendimento dos fundamentos técnico-científicos da produção ocorre paralelamente ao atendimento das demandas do próprio sistema produtivo (CIAVATTA; FRIGOTTO; RAMOS, 2005). Com a proximidade do mundo produtivo operacionalizada pelo estágio, é esperado que esse componente curricular reflita de forma mais explícita as contradições já citadas.



Constatou-se a importância da comunicação próxima e efetiva entre supervisor e orientador durante o estágio, visando superar as dificuldades e entraves que possam surgir, além de permitir ao estudante um aproveitamento das possibilidades de aprendizagem vivenciadas nessa etapa curricular. Destaca-se que, além da aproximação entre teoria e prática no mundo do trabalho, o estudante tem acesso a aspectos da cultura profissional que não são passíveis de serem reproduzidos na escola, colaborando com a formação integral e o exercício de sua autonomia e criticidade. Percebe-se que o estágio, para o atendimento de seu objetivo pedagógico, demanda que seus agentes - supervisor, orientador e estagiário - estejam alinhados na busca pela aprendizagem efetiva.

Considerações Finais

Os entrevistados demonstram a multiplicidade de aspectos que abrange o estágio apontando tanto para o aspecto pedagógico, como também para a aprendizagem da complexidade do mundo do trabalho, que envolve as relações interpessoais e de hierarquia, aspectos inerentes ao contexto de trabalho de sua profissão e que só é vivenciada no mundo do trabalho. As respostas dos estudantes são coerentes com o revelado pelos entrevistados, uma vez que afirmam que o estágio contribuiu para que vivenciassem na prática o que aprenderam em aula, contribuindo também com questões pessoais como convívio e comportamento esperado. No entanto, ainda persistem situações nas quais os estudantes não vivenciam atividades relacionadas ao curso ou não possuem clareza de quais atividades desempenharão durante o estágio, enfatizando a prática.

Evidenciou-se que o estágio, quando conduzido com atividades direcionadas, proporciona aprendizagem relativas ao curso e ao ambiente de trabalho que não são possíveis reproduzir na escola. Reforça-se, no entanto, a importância da orientação efetiva para que a articulação entre teoria e prática se concretize. Para tanto, estabelecer encontros periódicos entre orientadores e supervisores seria uma prática relevante para garantir maior integração com a proposta do ensino médio na modalidade integrada.

A questão da falta de vagas para estágios é a tônica principal para os estudantes que ainda não iniciaram essa etapa. O número baixo de vagas para os estudantes é uma fonte de preocupação relevante entre os que ainda não iniciaram suas atividades. A priorização das vagas para os estudantes com maior proximidade da finalização do curso é uma estratégia que pode ser adotada. Além disso, a busca ativa por empresas e profissionais liberais que atendam aos requisitos legais para a oferta de vagas deve ser uma das prioridades da coordenação responsável pelo estágio.

Constatou-se a necessidade de orientar os estudantes quanto ao objetivo pedagógico do estágio, aos comportamentos esperados no estagiário, as atividades que desempenharão e as formas de aproveitar a experiência de aprendizagem. Ressalta-se a importância de não se perder de vista a proposta do Ensino Médio Integrado buscando intensamente uma formação emancipadora e transformadora da sociedade, indicando formas de reflexão e formação crítica para os estudantes, em especial, aos filhos dos trabalhadores.



Referências

ALENCAR, A. I. L. **A política de educação profissional do estado do Ceará na perspectiva da responsabilidade social**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 375-390, 2015. DOI: 10.1590/s1517-97022015021851. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/100437>. Acesso em: 26 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; [...] e dá outras providências. Brasília, DF, 2008a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 27 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº. 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF, 2008b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 27 nov. 2019

BRASIL. **Resolução CNE/CEB N. 06/2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de setembro de 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 nov. 2019.

BRASIL. **LEI Nº 13.639**, DE 26 DE MARÇO DE 2018. Cria o Conselho Federal dos Técnicos Industriais, o Conselho Federal dos Técnicos Agrícolas, os Conselhos Regionais dos Técnicos Industriais e os Conselhos Regionais dos Técnicos Agrícolas. Brasília, 2018. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13639.htm. Acesso em 13/3/2020

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: CIAVATTA, M.; FRIGOTTO, G.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005, v., p. 83-105.

CIAVATTA, M; FRIGOTTO, G; RAMOS, M. A Gênese do Decreto n. 5154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: CIAVATTA, M.; FRIGOTTO, G.; RAMOS, M. (Org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-56.

DAYRELL, J. T. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40- 52, set-dez, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>. Acesso em: 30 set 2020.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto,



v.14, n.28, p.139-152, Aug. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004&lng=en&nrm=iso Acesso em: 28 out. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28º edição. Petrópolis: Vozes; 2009. p. 79-108.

GONZÁLEZ REY, F. A pesquisa qualitativa como produção teórica: uma aproximação diferente. In: _____. (Org.). **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2017. p. 29 – 78.

KUENZER, A. Z. Formação de professores para a educação profissional e tecnológica. In: DALBEN, Â. I. L. de F. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 497-518.

KUENZER, A. Z. EP e EM na produção flexível: a dualidade invertida. **Retratos da Escola**, v.5, n.8, p.46-56, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/46>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003, p. 11-25.

MARTINS, H. H. T. DE S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289–300, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf> Acesso em: 28 out. 2019.

MARTINS, C. H. S.; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, vol. 36, núm. 1, p. 43-56, janeiro-abril, 2011, Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117118584004> Acesso em 28 Nov. 2020

OZELLA, S; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, Apr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133.pdf>. Acesso em 07 Fev. 2021.

RAMOS, M. N. Concepção do ensino médio integrado. In: **Seminário Sobre Ensino Médio**, 2008. Secretaria de Educação do Pará. 08-09 maio 2008. Disponível em: <https://tecnicadmiwj.files.wordpress.com/2008/09/texto-concepcao-do-ensino-medio-integradomarise-ramos1.pdf>. Acesso em: 05/01/2020.

RIBEIRO, S. F. M. D. **Ensino Médio Integrado: o estágio como um dos elementos articuladores da formação geral e profissional**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.



SANTOS, E. R. A. **A realidade do estágio supervisionado no ensino profissionalizante de nível médio: um estudo sobre o curso de Técnico Agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste-RO.** 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, R. S. M. da. **Estágio Curricular e sua Contribuição na Construção da Identidade Profissional dos Estudantes da Educação Técnica de Nível Médio.** 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - IFAM/Campus Manaus Centro, Manaus, 2019.

SOUZA, J. dos S. Mediação entre a escola e o novo mundo do trabalho na formação de técnicos de nível médio. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 123-140, Apr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v16n1/1678-1007-tes-16-01-0123.pdf> Acesso em: 27 Nov. 2019.

VASCONCELOS, L; GUEDES L. F. A. E-surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos Via Internet no Contexto da Pesquisa Científica. Apresentação realizada na **X SEMEAD**, FEA-USP, 2007. Disponível em: http://www.ead.fea.usp.br/Semead/10semead/sistema/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=420 Acesso em 20 Fev. 2020

VIEIRA, D. E. **O estágio supervisionado curricular na formação do técnico em agropecuária no IFPB Sousa.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

ZABALZA, M. A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária.** São Paulo: Cortez, 2015.

Recebido: 30/07/2021

Aprovado: 13/03/2022

Como citar: RAULINO, C. G. S.; DIEMER, O. O estágio como prática educativa no currículo integrado: percepções docentes e discentes. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v.8, e181522, 2022.

Contribuição de autoria:

Cíntia Grazielle de Souza Raulino: Administração de projeto e escrita (rascunho original).

Odair Diemer: Supervisão e escrita (revisão e edição).

Editor responsável: Iandra Maria Weirich da Silva Coelho.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional

